

DIMENSÕES JIHADISTAS: UM ESTUDO SOBRE TERRORISMO NA ÁFRICA SUBSAARIANA

JIHADIST DIMENSIONS: A STUDY ON TERRORISM IN SUBSAARIAN AFRICA

Caroline Tinós¹. Karina Stange Calandrin²

¹*Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário do Sagrado Coração – Bauru – São Paulo – Brasil caroltinos@gmail.com*

²*Doutora e Docente do curso Relações Internacionais no Centro Universitário do Sagrado Coração – Bauru – São Paulo – Brasil karina.calandrin@unisagrado.edu.br*

Data de envio: 28/04/2021

Data de aceite: 20/10/2021

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o continente africano, com o enfoque na África Subsaariana e seu envolvimento com o terrorismo jihadista, visando entender e responder se há diferença entre as práticas religiosas exercidas pelos fiéis de maneira pacífica e as imposições ideológicas que são feitas através dos ataques terroristas e de seus grupos jihadistas. O jihadismo é uma prática, a partir da crença na religião islâmica, que entende que seus fiéis devem lutar contra os ataques dos inimigos de outras religiões, impondo a sua de maneira violenta, na chamada “Guerra Santa”. Porém, o espaço e o reconhecimento de sua ideologia no mundo, principalmente pelos ocidentais que são vistos como opressores, é pequeno, e esse fato se tornou a principal motivação para a atuação dos indivíduos jihadistas. Esta pesquisa visa entender também como abordar o terrorismo, que se tornou uma palavra banalizada nos dias de hoje, ressaltando os dois grupos extremistas Al-Shabaab e Boko Haram, que atuam na África Subsaariana, mais especificamente na Somália e na Nigéria, respectivamente, e buscando analisar o contexto histórico e político-social em que ambos viveram e o porquê de o terrorismo ter se instalado nessas regiões, sempre ressaltando como a sociedade é afetada, dentro de um continente fragilizado e com mínima visibilidade e importância para o Sistema Internacional. Também vamos falar sobre o surgimento da Al-Qaeda e do Estado Islâmico, grupos extremistas que possuem destaque nas regiões, respectivamente, do Afeganistão e do Iraque, e influenciam no surgimento dos demais grupos.

Palavras-chave: Jihadismo. África. Terrorismo. Al-Shabaab. Boko Haram.

ABSTRACT

This research has as its general objective to analyze the African continent, focusing on Sub-Saharan Africa and its involvement with jihadist terrorism, aiming to understand and answer if there is a difference between the religious practices peacefully exercised by its believers and the ideological impositions made through terrorist attacks and their jihadist groups. Jihadism is a practice based on the belief in the Islamic religion, which assumes that its believers must fight against the enemies' attacks on their beliefs by violently imposing their own in the so-called "Holy War". However, the space and recognition of their ideology worldwide, especially by Westerners who are seen as oppressors, is small. Such fact has become the primary motivation for the actions of jihadist individuals. This research also aims to understand how to approach terrorism, a word that has become banal nowadays, highlighting Al-Shabaab and Boko Haram, two extremist groups that operate in Sub-Saharan Africa, more specifically in Somalia and Nigeria respectively. Another aim is to analyze the historical and political-social context they both lived in and why terrorism was installed in these regions, always emphasizing how society is affected within a fragile continent and with minimal visibility and importance for the International System. We also talk about the emergence of Al-Qaeda and the Islamic State that are extremist groups prominent in regions of Afghanistan and Iraq, respectively, and their influence on the emergence of other groups.

Keywords: Jihadism. Africa. Terrorism. Al-Shabaab. Boko Haram.

INTRODUÇÃO

O conceito de "terrorismo" possui inúmeras definições, no entanto, nenhuma foi escolhida como única e universal, por isso, vamos utilizar a definição estudada pelos autores Wardlaw e Saint-Pierre (2009) e Moghaddam (2010).

Primeiramente, ressaltamos a dificuldade encontrada na definição, a partir do trecho de Woloszyn (2009):

Na visão da Organização das Nações Unidas (ONU), o terrorismo é considerado um crime comum e não de natureza política, fato que não admite o asilo, mas sim a extradição. Por esse motivo, juristas utilizam-se de vários elementos como o grau de violência empregado, os meios utilizados, o resultado e a finalidade para diferenciá-lo de outros delitos. (WOLOSZYN, 2009, p. 67)

E Diniz (2002), acrescenta:

[...] podemos entender terrorismo como sendo o emprego do terror contra um determinado público, cuja meta é induzir (e não compelir nem dissuadir) num (sic) outro público (que pode, mas não precisa, coincidir com o primeiro) um determinado comportamento cujo resultado esperado é

alterar a relação de forças em favor do ator que emprega o terrorismo, permitindo-lhe no futuro alcançar seu objetivo político (DINIZ, 2002, p. 13).

De acordo com Saint-Pierre (2009), o ato terrorista acontece não somente por terroristas de cunho religioso, político e social, mas também pelo Estado, que consegue de maneira ditatória impor normas e ideologias que calam a nação, visando somente o interesse próprio e não o da população. Portanto, o terrorista é aquele que deseja, a partir de seu psicológico comprometido, impor e praticar um ato político ou religioso de maneira radical, utilizando a violência e, gerando assim, espanto e caos em suas vítimas, para atingir grandes realizações dentro do grupo terrorista, como, por exemplo, os grupos extremistas islâmicos que tem como principal objetivo expandir a religião islâmica, acreditando que dela conseguem a salvação e veem as outras como uma ameaça presente no mundo ocidental. Sendo assim, iremos abordar o terrorismo como um ato de violência que se realiza a partir de um indivíduo com psicológico já comprometido que busca desestabilizar o sistema a partir do espanto pregado na população e, quanto mais irracional, mais eficiente.

Neste artigo, vamos abordar os grupos extremistas Boko Haram e Al-Shabaab, que atuam, respectivamente, na Nigéria e na Somália, países do continente africano subsaariano, iremos decorrer pelo contexto histórico e político-social em que ambos viveram, destacando o que influenciou estes territórios a serem hoje dominados pelos grupos extremistas religiosos que praticam a jihad pelo mundo. Também iremos ressaltar o surgimento da Al Qaeda e do Estado Islâmico, grupos extremistas de forte influência sobre os outros, e que possuem destaque nas regiões, respectivamente, do Afeganistão e do Iraque, ressaltando eventos ocorridos historicamente.

A partir destes grupos, podemos entender como acontece o terrorismo e quais suas influências, vamos compreender o que é a jihad, como ela surgiu e como se estabeleceu até os dias de hoje. Além disso, abordaremos o porquê do continente africano subsaariano não possuir a mesma visibilidade internacional que outras potências hegemônicas no Sistema Internacional e que não oferecem apoio suficiente e eficaz para ajudar a solucionar a situação política, econômica e social presente nos países que pertencem ao continente africano.

MÉTODOS

As fontes utilizadas são primárias e secundárias, onde os resultados apresentados possuem um alto grau de análise comparativa na atuação e proliferação dos grupos extremistas da África Subsaariana, Boko Haram e Al-Shabaab, levando em consideração a origem do primeiro na Nigéria e o segundo na Somália, com a influência de outros grupos terroristas, sendo o principal a Al-Qaeda.

A metodologia é de cunho comparativo e qualitativo, exploratória com ênfase na análise de conteúdo com o auxílio de relatórios oficiais dos países e de organizações internacionais, como por exemplo, a União Africana na Somália e dados da Comunidade Econômica da África Ocidental (CEDEAO).

O assunto é atual, portanto, os materiais utilizados no artigo fazem parte de um recente estudo elaborado por especialistas ou estudantes na área, com bases históricas aprofundadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde os atentados de 11 de setembro de 2001 o termo “terrorismo” sofreu alterações significativas, transformando o sistema internacional, e, conseqüentemente, à atenção dada aos grupos terroristas aumentaram. O terrorismo que é conhecido hoje no Oriente Médio e no mundo, é chamado de “terrorismo contemporâneo”, tendo como principal característica a letalidade dos ataques, causando um número significativo de mortes por atentados, tendendo a se organizar em diferentes células espelhadas pelos territórios.

Abordando o conceito de “terrorismo”, desde seu surgimento, conceito e classificação, para podermos entendê-lo e empregá-lo em nossa síntese de estudo, que é a África Subsaariana, a partir de três principais perguntas: (1) Quais elementos formam o terrorismo? (2) Quem são os terroristas? (3) O que os motiva? Respondendo a partir dos estudos de Alex Schmid (1988), considerando a lógica de que os elementos que constituem o terrorismo são o uso constante da violência ou força articulada como uma ameaça a terceiros; os terroristas são indivíduos que buscam concretizar atos políticos ou religiosos de maneira radical; e o que os motiva é atingir seus objetivos através de grandes realizações que ultrapassem o círculo de vítimas de atentados anteriores para gerar um caos na população e impor aquela ideia aceita como correta pelos grupos e instituições consideradas terroristas.

O terrorismo que hoje conhecemos começou na Revolução Francesa¹, mas na Primeira Guerra Mundial acabou por tornar-se nacionalista e revolucionário, e a partir da Segunda Guerra retoma a mesma ideia da Revolução Francesa, que eram “práticas de repressão em massa empregadas por estados totalitários e seus líderes ditatoriais, contra seus próprios cidadãos” (HOFFMAN, 2006, p. 14).

Traçando o perfil do continente africano subsaariano através de seus aspectos políticos, sociais e culturais, podermos entender melhor a manifestação terrorista dentro do continente africano. Primeiramente, a Nigéria e a Somália são considerados Esta-

¹Movimento na França impulsionado pela burguesia e que contou com uma importante participação dos camponeses e das massas urbanas que viviam na miséria, tomando a prisão da Bastilha desencadeando profundas mudanças no governo francês.

dos Falidos², e, de acordo com o Índice de Estados Falhados do ano de 2015, a Nigéria está em 14º lugar entre os 178 países presentes no Índice, mas não só eles, como grande parte do continente africano, que possui um rápido crescimento populacional e hoje vivem em uma extrema pobreza, conforme as estatísticas da ONU, mais da metade da população sobrevive com menos de 1 dólar, sem acesso a água potável, moradia digna e alimentação, gerando assim, um alto índice de corrupção nos países (GAFI, 2013).

Segundo Rotberg (2003, p. 1), o conceito segundo o qual os Estados são considerados “falhados” os caracteriza como Estados “consumidos por violência interna e deixam de fornecer um serviço político positivo aos seus cidadãos”. Sendo que uma das funções do Estado é a de garantir a segurança dentro do território (op. cit., p. 3), e a partir do momento em que a mesma não está garantida, os outros serviços podem acabar sendo prejudicados também, como por exemplo a participação política e os serviços básicos de educação e de saúde. É possível reconhecer um Estado como falhado quando ele perde o controle sobre seu território e sem conseguir proporcionar o bem-estar para a população, sendo assim, não consegue exercer suas funções básicas, que são: representação, segurança e preocupação (MILLIKEN e KRAUSE, 2002, p. 756).

De acordo com a BBC (2006), na Nigéria, território dominado pelo grupo Boko Haram, o etnocentrismo e o extremismo religioso tem desempenhado papel na política, com uma rede de crime organizado dentro do sistema político através de conexões com figuras importantes, e a Somália, palco do grupo Al-Shabaab, possui um histórico de guerra civil desde sua independência, ocasionado pela implantação de governos que não eram de acordo com a estrutura cultural da região e acabaram promovendo uma situação de anarquia e violência. Sendo assim, a condição precária da região africana subsaariana possibilitou a criação de grupos insatisfeitos que buscam por melhores oportunidades, já que o Estado não é capaz de fornecer a eles.

Sobre o financiamento terrorista, o Relatório da Gafi (2013) observa:

[...] Uma fonte de fundos ilícitos derivados de práticas corruptas que se destaca além de outras formas de corrupção - e é possivelmente a área mais significativa de alerta sobre a corrupção na África Ocidental - é o envolvimento de políticos e de funcionários de alto nível no crime organizado. Em muitas jurisdições, as provas sugerem um grau de cumplicidade activa e passiva em actividades criminosas organizadas, como o contrabando de drogas e de outros bens ilícitos entre os que ocupam altos cargos públicos. Isto não é surpreendente, dado o nível de imunidade de que gozam os que estão nos escalões mais altos do governo, aliado às recompensas potenciais que podem ser obtidas, tanto financeira como parcialmente, como resultado, em termos de influência (GIABA, p.17,2010)

² As funções básicas do Estado não são mais desenvolvidas. O Estado está paralisado e inoperante: leis não são feitas, a ordem não é preservada e a coesão societal está comprometida. O Estado perde seu poder em conferir nome à sua população, de legitimação e capacidade de governar (WEBER, 2004).

No Estado da Nigéria, ressaltamos a presença dos confrontos regionais e étnico-religiosos em seu passado colonial, que propiciaram uma má governação, instabilidade política e criminal, promovendo o surgimento dos grupos terroristas. Como acrescenta Frantz Fanon (2002):

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização sabemos, é um processo histórico, isto é, não poder ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo (FANON, p.52, 2002).

Boko Haram, tem como significado “A educação ocidental é proibida”, apelido criado pelos moradores da região, na qual “haram” é a proibição da participação dos muçulmanos em qualquer atividade relacionada a sociedade e cultura ocidental, sendo assim, a inicial proposta do grupo era de estabelecer uma instituição com ensino gratuito para jovens que não possuíam renda, para assim, confrontar e direcionar ataques ao governo e as autoridades da Nigéria. De acordo com o Clube Militar (2019), o movimento que mais cresceu no território durante os últimos quinze anos foi o islamismo político, considerados fundamentalistas, que procuram implantar regimes islâmicos no Estado, deixando as ações subordinadas ao Alcorão³. Os aspectos culturais e sociais não variam muito de um lugar para o outro, pois o principal objetivo é a aplicação radical de um modo de pensar perante a população, e essa aplicação é feita a partir de uma imposição de medo e violência, na qual os civis não possuem a opção de escolha de aderir a causa, sendo obrigados a aceitá-la.

A colonização do Estado da Nigéria originou uma predominância ao cristianismo, que ocasionou conflitos entre os muçulmanos e os cristãos, resultando na perseguição religiosa dentro do país, sendo que, ainda hoje, a Nigéria vive episódios de tensão étnica, política e social que impossibilitam o desenvolvimento do país que é um dos maiores produtores de petróleo do mundo, porém, também é uma das nações com o maior grau de corrupção registrado, e, por isso, uma grande rede de crime organizado dentro do âmbito político do país realiza por meio de conexões com figuras importantes o destino ilícito ao dinheiro vindo do lucro com o petróleo, que não chega à população, continuando com poucas chances de crescer. Além disso, os deslocamentos internos da população ocorrem com frequência, devido a insegurança e medo causado pelo grupo Boko Haram, que tem como marca registrada os raptos em massa, principalmente de meninas e mulheres (BBC, 2006).

³ Os muçulmanos acreditam que seja um livro que contém em supostas revelações que Alá teria feito ao profeta Maomé

Ademais, Cierco (2016) acrescenta que as atividades destes grupos contribuíram para o surgimento do contexto de Estado falhado, como visto anteriormente, sendo classificado desta maneira, pois, mesmo sendo um país rico em recursos minerais, a Nigéria apresenta indicadores de um Estado falhado, no qual grande parte da população vive em um estado de pobreza e subdesenvolvimento, sendo assim, abrindo oportunidade e espaço para o surgimento de grupos como Boko Haram, que se proliferam e ameaçam a segurança e o desenvolvimento do país.

Já na Somália, de acordo com Farah (2016), desde o começo da colonização do território, a população resistiu à dominação da tirania dos colonizadores, que após quatro décadas conseguiram a independência e mantiveram as características ocidentais. No entanto, o governo civil do General Said Barre apoiado pela URSS, estabeleceu reformas na região e mudou drasticamente o característico eurocentrismo para um nacionalismo que se perdurou por duas décadas na Somália, promovendo uma violência regional.

Farah (2016) também acrescenta que, devido as confusões culturais entre a população da Somália, a fragilidade da região acaba abrindo espaço a uma organização islâmica que se estabeleceu durante os anos, patrocinada pelos empresários locais para um processo de reeducação e saúde através da Sharia⁴, chamada de União dos Tribunais Islâmicos, com o objetivo de reduzir a violência visto que o Estado não estava mais presente na atuação econômica, social e cultural da região. Assim, surgindo a organização Al-Shabaab, uma linha extremista, que prega a ideologia islâmica dentro da África Subsaariana, que hoje, mais especificamente a Somália, sofre pela instabilidade financeira, social e política, na qual não tem visibilidade no Sistema Internacional.

Na Somália, Sá (2017) sintetiza que:

Al-Shabaab (“Os jovens”): A primeira geração do Al-Shabaab se organizou em 2003 com o nome de Al-Ittihad Al-Islami (“União para o Islã”), seus membros eram em maioria veteranos da Guerra Sovético-Afegã e foram vencidos pelas forças de coalizão somalis com exército etíope. Em 2006 houve a reorganização desta militância islâmica com uma nova geração de jihadistas que se autointitularam “os jovens” (SÁ, 2017).

As relações dos atos terroristas praticados por extremistas islâmicos que buscam atingir metas de cunho político ou religioso, através de seus atos contra os civis como, por exemplo, sequestros e ataques suicidas, estão cada vez mais recrutando soldados através de vias como a internet.

⁴ Termo em árabe que significa “caminho”, porém dentro da religião islâmica, tem sido continuamente empregado para se referir ao conjunto de leis da fé, compreendida pelo Alcorão, a Suna (obra que narra a vida do profeta Maomé), além de sistemas de direito árabe mais antigos, tradições paralelas, e trabalho de estudiosos muçulmanos ao longo dos primeiros séculos do Islã. Em outras palavras, a Sharia é um sistema detalhado de leis religiosas desenvolvido por estudiosos muçulmanos e ainda em vigor entre os fundamentalistas hoje.

Os grupos Boko Haram e Al-Shabaab possuem ligação com os outros grupos extremistas como a Al-Qaeda ou afiliados e com o Estado Islâmico. Esta proximidade ideológica ocorre devido ao mesmo compartilhamento de princípios, articulando que os políticos e a riqueza irão destruir a pureza de suas sociedades islâmicas. O líder da Al-Qaeda declarou que iria fornecer armas, treino e apoio ao grupo Boko Haram, com o objetivo de expandir a influência da Al-Qaeda no território da África Subsaariana para aumentar seu campo de estratégia e “defender os muçulmanos na Nigéria e deter o avanço de uma minoria de cruzados”, no qual os níveis da violência e da oposição contra o Estado, fornece um terreno fértil para o recrutamento da Al-Qaeda (BLANCHARD, 2014).

Segundo Bakker (2007) a Al-Qaeda é o pontapé inicial de grupos jihadistas, o grupo surge para influenciar várias mentes que de alguma forma desejam reconhecimento de poder político e territorial dentro de crenças islâmicas, também é um movimento ideológico, onde não se trata de uma questão alternativa, mas de ambas as coisas, tal como a luz é ao mesmo tempo uma onda e uma partícula (HOFFMAN, 2007). O objetivo da Al-Qaeda é reestabelecer a Sharia (Lei Islâmica), diz Whight (2007), mas para isso ocorrer é necessário conceber o verdadeiro Estado Islâmico e livrar o sistema de quaisquer influências não muçulmanas. Seu atual líder, Ayman al-Zawahir, acredita que a jihad - forma de guerra santa - é o caminho para espalhar a religião islâmica. E também o Estado Islâmico, que segundo Bunzel (2015) acaba por afirmar que o grupo intitulado está relacionado a uma crise política após a Guerra do Iraque em 2003, no qual a organização foi criada através de influências e desmembramento da Al-Qaeda, mas os grupos romperam ligações em 2014, no mesmo período em que o Estado Islâmico começou a ganhar visibilidade internacional.

A ideologia do Estado Islâmico está fundamentada no wahabismo - a purificação da fé islâmica - que tem como princípio a interpretação do Alcorão. O objetivo, assim como a maioria dos grupos extremistas, é a expansão da Lei Islâmica (Sharia) pelo Oriente Médio, também construir conexões com a Europa através de atentados para mostrar autoridade por meio de atos considerados de terror; acabam por terem uma postura sunita, e são responsáveis por atos violentos contra os muçulmanos xiitas. Seu líder e administrador é Abu Bakr al-Baghdadi, mas há também outros 12 governantes pelos territórios que foram conquistados pelo grupo, sem contar nos responsáveis por assuntos como finanças, segurança, inteligência, comunicação entre outros.

Atualmente o Estado Islâmico se destaca, pois investe em propagandas para alastrar o terror e manipular as mentes fragilizadas perante as situações de conflito. A BBC (2017) em um noticiário do dia 22 de setembro de 2014 divulgou que a Anistia Internacional condenou o Estado Islâmico (EI) por cometerem atrocidades contra os civis através da limpeza étnica, sequestro, estupro e morte a sangue frio. Wood (2016) disserta sobre a ligação e influência que Boko Haram têm sobre o Daesh (EI) enquanto a questão Al-Shabaab, que é discutida pela BBC Brasil (2017) jura lealdade a Al-Qaeda.

O termo “jihadismo” é controverso e relativamente novo, vindo do preceito “jihad”, que, pode ser definido como a luta ou guerra pela religião do Islâmica. Podemos encontrar uma combinação de três princípios, sendo primeiro o esforço individual de luta contra si mesmo, o segundo, a luta pela expansão do Islamismo, que seria a luta contra os infiéis ou contra os muçulmanos que não concordam com o que fez o islamismo e o terceiro a luta para seguir o caminho de Deus (Etienne, 1987: 186-187). O conceito de jihadismo surgiu no século XX sob as cinzas da vitória mujahedin⁵ no Afeganistão e, a partir dos ataques de 11 de Setembro, associado à violência islâmica sunita, assumiu uma forma de distinção dos militantes não violentos. Sendo assim, não faz parte da cultura e história da religião do Islã, dando pouco ou nenhum significado pela maioria dos muçulmanos (DUARTE, 2011).

Segundo o autor Demant (2004), sobre a jihad:

Jihad é um termo que define um “esforço em favor de Deus”. Ser muçulmano e abraçar o islã significa assumir um compromisso, que entre outras coisas define-se por “propagar a verdadeira religião no mundo inteiro”. O termo é empregado com o sentido de guerra santa por grupos islamitas.” (DEMANT, p.36, 2004).

Os jihadistas, ou aqueles que profetizam o jihadismo, não deixam de ser militantes islamistas, se incomodando com a mudança que ocorre na vida social e política dos países muçulmanos, que é motivada pela atual globalização e crescente ocidentalização dos costumes dos indivíduos islâmicos. Logo, se consideram uma solução e salvação para a religião islâmica, a partir da utilização de uma ética e de uma moral religiosa mascarada, porque estes militantes pregam a violência contra as estruturas sociais, políticas e religiosas, na qual visam a conquista de poder e o reestabelecimento da sua religião nas sociedades, que acabam sendo “corrompidas” pelos valores do mundo ocidental (BROWN, 2007).

É possível notar que na África, os líderes africanos utilizam do islamismo como um instrumento político para desviar as atenções de seus conflitos internos que ocorrem constantemente nas regiões do continente, e que não acontecem por causa do choque de diferenças entre as civilizações, mas sim pela alocação de recursos que é má distribuída pelo continente, até porque muitas das sociedades africanas subsaarianas, o Islamismo convive junto com as outras comunidades de maneira pacífica (FOLGÔA, 2003).

Esta doutrina fundada por Muhamad convocava as tribos à chamada Guerra Santa⁶ que visava a expansão religiosa, cultural e militar. O Islamismo almeja pela unificação

⁵ Deriva do árabe como “combatente” ou “alguém que se empenha na luta (jihad)”, embora seja frequentemente traduzido como “guerreiro santo”.

⁶ Recurso extremista que as religiões têm usado para proteger o que consideram ameaça as suas crenças e a seus lugares sagrados. As primeiras “guerras santas” foram entre o Islamismo e o Cristianismo.

dos povos em torno da religião muçulmana pregando os conceitos da Guerra Santa, com o objetivo de derrotar aqueles que negam sua doutrina e aclamar os demais líderes religiosos da sua comunidade para se juntarem. Com as pressões políticas na cidade de Meca, Muhamad mudou para a cidade de Madina, onde iniciou o período chamado de Hégira, no qual foi o ponto de partida do calendário islâmico e fundou uma Cidade-Estado islâmica, produzindo uma Constituição Escrita. Após a morte de Muhamad, a doutrina pregada enfrentou diversas guerras, buscando pelo expansionismo e com intolerância por parte da civilização ocidental (CAVADAS, 2010).

Existem três islamismos diferentes, o primeiro possui caráter mais político e engloba jogos democráticos, aceitando o princípio de Estado-Nação e procura por mudança através da manifestação política, como por exemplo, a “Irmandade Muçulmana” no Egito, ou o partido Adalet ve Kalkınma Partisi na Turquia. O segundo tipo de islamismo é caracterizado pela presença de atitude missionária, na qual envolve conversões islâmicas, a luta contra corrupção da moral e promovendo a virtude da religião, sem buscar pelo poder político, e sim pela identidade dela, como por exemplo, a Tablighi Jamaat ou o Salafiyya Movement, ambos são fundamentalistas com dimensão internacionalista. O terceiro tipo é classificado como um islamismo que utiliza a luta armada como manifestação da corrente islâmica, ou seja, o chamado jihadismo, empregados como atores do islamismo violento (HEGGHAMMER, 2009, p. 244-266).

Podemos notar que o islã africano se difere daquele do Oriente Médio, uma vez que trata da adequação de terceiros e tolerância ao radicalismo, e além de sua vertente religiosa, surge pela por deficiências no fluxo financeiro do país, desemprego e educação desfalcada. Assim, aproveita-se dessas circunstâncias para instaurar o estudo islâmico radicalizado, onde conseqüentemente a violência surge de modo a concretizar e solidificar o extremismo religioso em busca de um mundo muçulmano.

Em 2001, após o atentado de 11 de setembro, o presidente George Bush declarou “Guerra contra o Terror” e apresentou o terrorismo como uma ameaça, modificando seu conceito e levando a atenção e perseguição aos grupos terroristas, de acordo com Hoffman (2014):

A “guerra ao terror” tornou-se assim, na escolha infeliz de palavras do presidente Bush, uma “cruzada” contra o mal como uma reação firme à multiplicidade de novas ameaças à segurança enfrentadas pela Nação e influencia, portanto o caminho do terrorismo que foi redefinido no início do século XXI, de acordo com o linguista da Universidade de Stanford, Geoffrey Nunberg, a fim de “englobar tanto as forças das trevas que ameaçam a ‘civilização’ quanto os medos que eles despertam (NUNBERG, 2004 apud HOFFMAN, 2006, p. 20).

O Afeganistão proporcionou o surgimento das organizações islâmicas e seus desenvolvimentos, através do esforço de unificar diversas culturas do país em algo em

comum, a religião. Os movimentos como o Talibã⁷ e a Al-Qaeda no Afeganistão, a Irmandade Muçulmana no Egito, ganharam força e viam a entrada dos Estados Unidos da América no mundo árabe, com o auxílio à Arábia Saudita na Guerra do Golfo⁸, interpretada como uma invasão. A Al-Qaeda, grupo extremista situado no Afeganistão, utilizou destes acontecimentos para discursar e atrair fiéis para a sua luta contra o Ocidente (DUARTE, 2011).

Ao longo do século XX, os EUA e a URSS dividiram o mundo em dois polos durante o período da Guerra Fria, o Ocidente capitalista e o Oriente comunista, neste contexto, os Estados Unidos e a URSS utilizavam da coerção militar para estabelecer alianças de oportunidade com diferentes governos árabes no Oriente Médio, na Ásia e no Egito. Muitas das alianças formadas ao longo da Guerra Fria ignoravam a presença das diferenças ideológicas e culturais, pois o que importava era defender interesses geopolíticos, sendo assim, uma aliança de interesse. Com o objetivo de ampliar as zonas de influência, os EUA e a URSS realizavam golpes de Estado, apoio às ditaduras militares, e incentivo aos grupos radicais islâmicos que resultaram em uma contradição da política de segurança dos EUA.

A Al-Qaeda é uma extensão da Guerra Fria e um subproduto da política de alianças feitas pelo governo estadunidense, perseguindo o objetivo de estabelecer um ramo ativo na África Subsaariana, que, devido à expansão soviética direcionada a Ásia Central em 1980, os EUA realizaram um programa financiando as guerrilhas afegãs que criou um pacto entre os jihadistas islâmicos e o governo dos EUA. Na visão dos soviéticos, os jihadistas eram considerados grupos terroristas, porém para os EUA eles eram considerados “guerreiros da liberdade”, pois eram engajados na guerra de libertação do Afeganistão.

As tensões internacionais acabam por fortalecer-se no Iraque e Afeganistão, segundo Lyman e Morrison (2004), o islã africano se difere do Oriente Médio, pois trata de adequação de terceiros e tolerância ao radicalismo. O terrorismo na África, além de sua vertente religiosa, surge pelas deficiências no fluxo financeiro do país, corrupção, desemprego e sem apoio à educação, sendo assim, as situações acabaram permitindo a revolta dos civis que instauraram o estudo islâmico radicalizado, no qual, por consequência, surge a violência de modo a concretizar e solidificar o extremismo religioso em busca de um mundo muçulmano. Portanto, o islamismo radicalizado na África Subsaariana surge, então, como uma espécie de identidade entre a população que é vítima da fraqueza social dos países com inatividade estatal (QUINN, 2003).

⁷ Movimento fundamentalista islâmico nacionalista que se difundiu no Paquistão e no Afeganistão, a partir de 1994.

⁸ Conflito militar entre o Iraque e as forças da Coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos e patrocinada pela Organização das Nações Unidas autorizando o uso da força militar para alcançar a libertação do Kuwait, ocupado e anexado pelas forças armadas iraquianas sob as ordens de Saddam Hussein.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a pesquisa promoveu o entendimento dos aspectos histórico-sociais e econômicos do continente africano subsaariano, no qual os confrontos regionais e étnico-religiosos em seu passado colonial, propiciaram uma má governação, instabilidade política e promoveu o surgimento dos grupos terroristas.

O problema da África Subsaariana gira em torno da escassez de recursos financeiros, que possui uma tendência a corrupção devido ao histórico regional de uma cultura corrupta instalada, ofertando baixos salários e levando ao descontentamento da população para com o governo, que é caracterizado como Estado Falido, ou seja, que não consegue garantir e fornecer segurança, participação política e serviços básicos de educação e saúde a sua população, além da ausência de participação nas questões econômicas, sociais e culturais na região e no Sistema Internacional.

A insatisfação da população gera revoltas e guerras entre os civis, marcados pela grande diferença étnica dos grupos que possuem opiniões que se chocam e contribuem para o surgimento de grupos e organizações consideradas extremistas e promovem suas crenças a partir de uma imposição violenta, como, por exemplo, os muçulmanos que praticam a lei da Sharia.

Ademais, o posicionamento do Sistema Internacional contemporâneo não incentiva o apoio necessário aos Estados da Nigéria e Somália, que possuem pouca ou nenhuma visibilidade, portanto, seus indivíduos também ficam sem assistência, ressaltando que quase sempre o interesse e auxílio corresponde as grandes potências, como os Estados Unidos ou os países europeus, ocidentais, capitalistas, e materialmente ricos, somente para o que é de seu próprio interesse.

Ambos fiéis religiosos e os grupos considerados terroristas, jihadistas, no caso, possuem em comum a crença islâmica e desejam respeito e reconhecimento pela sua religião. No entanto, os fiéis são indivíduos de caráter pacífico, diferente dos jihadistas, que exercem sua crença religiosa por meio da violência, tanto física, quanto psicológica. Um indivíduo terrorista é contido pelo Estado e pelo ambiente em que vive, acredita na necessidade da luta contra a opressão exercida em cima de suas crenças e da imposição ideológica na sociedade para combater a opressão. Sendo assim, surgindo uma espécie de identidade entre a população que é vítima da fraqueza social dos países com inatividade estatal, praticando e impondo um ato político ou religioso de maneira radical, utilizando a violência e gerando espanto e caos em suas vítimas, para atingir grandes realizações dentro do seu grupo terrorista.

Os jihadistas utilizam da Sharia (lei islã) e acreditam que sua manifestação de maneira violenta contra os fiéis de outras religiões, é justificada pela Guerra Santa, onde lutam contra o ataque de inimigos infiéis (cristãos e judeus). Os grupos se sentem fracos diante de tantas dificuldades e represálias, que acabam por encontrar como única for-

ma de resposta e luta, a imposição de uma religião e uma prática, tão radical, através do medo e da imposição ideológica usando a força que se torna possível que as pessoas os respeitem, os obedeçam e os temam, de forma que, para eles, é considerada correta.

Seria de suma importância que a sociedade percebesse o erro de contra-atacar os ataques terroristas, pois a solução para a situação de conflito entre os jihadistas e o Estado, seria o diálogo e a busca pela compreensão da vida do outro, que só quer o mesmo respeito, reconhecimento e valorização social e cultural que os ocidentais possuem, e infelizmente não querem ajudar.

Por fim, num quadro de instabilidade e insegurança, apenas uma melhor governação do país, com a promoção de empregos, do Estado de direito, a liberdade política e as oportunidades econômicas, bem como melhores infraestruturas na educação e na saúde, poderá combater a atuação terrorista, sendo assim, é importante ressaltar que os Estados devem ter discernimento de suas ações no âmbito de intervenção militar nas regiões de atuação dos grupos extremistas, e também das consequências geradas por estes atos por parte do Estado, pois devem visar a segurança global e a paz internacional acima de tudo, com o objetivo de evitar um confronto internacional de grande proporção, ou até mesmo um estopim para o início de uma terceira guerra mundial.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este artigo, primeiramente, à toda a minha família, que acreditou no meu potencial em estudar e iniciar com a pesquisa acadêmica, aos meus colegas e amigos da universidade e, sem dúvidas, agradeço a minha professora e orientadora, tão querida, Karina, que me proporcionou oportunidades, me guiou, me ensinou, sanou minhas dúvidas e ansiedades, sempre presente.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek. **Terrorismo: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL**. UFPR, 2012.

AGAMBEM, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ALKAFF, Syed Huzaifah. **Al-Shabaab A New Phase?** Counter Terrorist Trends and Analyses, Vol. 5, No. 9, 2013.

ANDINDILILE, Michael. **English, cosmopolitanism and the myth of national linguistic homogeneity in Nuruddin Farah's fiction**. Forum for Modern Language Studies. V. 50, N° 3, 2014.

ARENDDT, Hannah. **O totalitarismo**. Em: *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BALANDIER, Georges. **A noção de situação colonial**. Caderno de campo, n° 3, 1993.

BARDOLPH, Jacqueline. **Brothers and sisters in Nuruddin Farah's two trilogies**. *World Literature Today*, V. 71, N° 4, 1998.

BAKKER, Edwin. **A evolução do Al-Qaedaísmo**. Clingendael: Instituto de Relações Internacionais da Holanda, 2007.

BAYART, Jean-François. **The State in Africa: the politics of the belly**. Cambridge: Polity, 2009.

BUNZEL, Cole. **From Paper State to Caliphate: The Ideology of Islamic State**. The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World, 2015.

BBC. UK. **A Nigéria, a política e a corrupção**. 2006.

BROWN, Vahid. **Cracks in the Foundation: Leadership Schisms in AlQaida 1989–2006**. West Point, Nova Iorque: CTC Press, 2007.

CALFAT, Natalia. **O estado islâmico do iraque e do levante**. Porto Alegre, 2015.

CAVADAS, Divo Augusto. **Considerações preliminares sobre o direito islâmico** ("Shariah"). Jus Artigos, 2010.

CIERCO, Teresa; BELO, Antonio. **Será a Nigéria um Estado falhado? O grupo Boko Haram**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, 2016.

CURTIN, Philip. **Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral**. História Geral de África: I Metodologia e pré-história de África. SP: Ática [Paris]: Unesco, 1982.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CLUBE MILITAR. **Aspectos políticos e econômicos da África**. 2019.

DAN SULEIMAN, Muhammad. **Countering Boko Haram**. Counter Terrorist Trends and Analyses, Vol. 7, No. 8, 2015.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. **Anthropology in the Margins of the State**. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DINIZ, Eugenio. **Compreendendo o fenômeno do terrorismo**. Niterói, 2002.

DUARTE, Felipe Pathé. **Jihadismo Global: A (In)Coerência de uma Estratégia de Subversão?** Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, 2011.

EZROW, Natasha; FRANTZ, Erica. **Revisiting the concept of the failed state: bringing the state back**. *Third World Quarterly*. V. 34, n. 8, pp. 1321 -1344, 2013.

FALOLA, T.; HEATON, M. **A history of Nigeria**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora: UFJF, 2002.

FARAH, Nuruddin. **Sweet and Sour Milk**. Saint Paul: Graywolf Press, 2009.

- FARAH, Nuruddin. **Ufahamu: A Journal of African Studies**. Vol. 25, no. 3, 1997.
- FOLGÔA, Carla. Penetração islâmica em África. **Observare**. Universidade Autónoma de Lisboa, 2003.
- FOREST, J. **Confronting the terrorism of Boko Haram in Nigeria**. Florida: The Jsou Press, 2012.
- JERÓNIMO, P. **A PRESENÇA ISLÂMICA NA EUROPA E OS DESAFIOS POSTOS À PRÁTICA JUICIAL**. Editora SOS Racismo, 2016.
- JHAZBHAY, Iqbal. **Somaliland: An African struggle for nationhood and international recognition**. South Africa: South African Institute of International Affairs, 2009.
- KEGLEY JR, Charles W. **International Terrorism: Characteristics, Causes, Controls**. Editora Palgrave Macmillan, 1990.
- KI-ZERBO, J. **UNICEF: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**, 2010.
- LEWIS, Ioan. **A pastoral democracy**. London: International African Institute, 1999.
- LEWIS, Ioan, **Understanding Somalia and Somaliland: Culture, history and society**. New York: Columbia University Press, 2008.
- LYMAN, Princeton N. (ed) J. Stephen Morrison. **The Terrorist Threat in Africa**. Foreign Affairs, 2004.
- Grupo de Acção Financeira (GAFI). **FINANCIAMENTO DO TERRORISMO NA ÁFRICA OCIDENTAL**. Relatório da Gafi, 2013.
- GELTZER, Joshua A. **US Counter – Terrorism Strategy na Al-Qaeda: Signalling and the Terrorist World View**. 2009.
- GIKANDI, Simon. **Nuruddin Farah and Postcolonial textuality**. World Literature Today, V. 72, N° 4, pp. 753-758, 1998.
- GOMES, Aureo de Toledo. **Do Colapso à Reconstrução: Estados Falidos, operações de Nation Building e o caso do Afeganistão no pós Guerra Fria**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- GUHA, Ranahit. **Las voces de la historia: y otros estudios subalternos**. Barcelona: Crítica, 2002. 82.
- HAMZAT, A. **Is Nigéria a failed state? (Part 1)**. The Nigerian Voice, 2015.
- HASINI, Zuhra Mohd El. **Noções de Direito Islâmico (Shariah)**. Monografia Realizada para a Universidade da Região da Campanha, 2007.
- HEGGHAMMER, Thomas. **Jihadi-Salafis or revolutionaries? On religion and politics in the study of militant Islamism**. Global Salafism: Islam's new religious movement, p. 244-266, 2009.
- HENZEL, Christopher. **The origins of Al-Qaeda's ideology: Implications for US strategy**. Parameters, Vol. XXXV, nº 1, 2005.

- HOBBSAWN, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**: Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HODGSON, Jacqueline; TADROS, Victor. **The Impossibility of Defining Terrorism**. The University of Warwick, v. 16, n. 3, p. 494-526, 2013.
- HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2006.
- HOFFMAN, Bruce. **The Victims of Terrorism**. Nova Iorque: Columbia University Press 2006/07.
- IBRAHIM, Hassan Ahmed. **Política e nacionalismo no nordeste da África, 1919-1935**. In: BOAHEN, Albert Adu (Ed.). *História Geral da África: A África sob dominação colonial (1880-1935)*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. p.73-99.
- INGIRIIS, Mohamed H. **The suicidal state in Somalia**: The rise and fall of the Siad Barre regime, 1969-1991. New York: University Press of America, 2016.
- INGIRIIS, Mohamed H. **'We Swallowed the State as the State Swallowed us'**: The Genesis, Genealogies and Geographies of Genocides in Somalia. *African Security*, pp. 1-35, 2016.
- MAMDANI, Mahmood. **Citizen and Subject**: Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- MARSDEN, Peter. **Os talibã**: Guerra e religião no Afeganistão. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MAXWELL. **O terrorismo na perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007.
- MELITO, Leandro. **Boko Haram**: entenda a trajetória do grupo terrorista nigeriano. Portal Ebc, 2015.
- MORENO, Marta. **Narrativas alternativas sobre o conflito somali**: Descontinuidades e especificidades históricas. *Conjuntura Internacional (Belo Horizonte)*, volume 11, nº 1, 2014.
- MOGHADDAM, Fathali M. **The Staircase to Terrorism**. American Psychological Association, 2005.
- MOGHADDAM, Fathali M.; WARREN, Zachary; LOVE, Karen. **Religion and the Staircase to Terrorism**. The Guilford Press, 2010.
- MCCORMACK, David. **An African Vortex: Islamism in Sub-Saharan Africa**. Center for Security Policy, 2005.
- PHAM, J. PETER. **A Ameaça Crescente do Boko Haram**. Centro de Estudos Estratégicos de África, 2012.
- QUINN, Cf. **Charlotte A. e Frederick Quinn, Pride, Faith and Fear**: Islam in Sub-Saharan Africa, Nova York. Universidade de Oxford, 2003.
- ROCHE, Alexandre A. E. **A primavera do mundo árabe-sunita**: o islã árabe-sunita entre o wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência. UFRGS, 2011.

SÁ, Katty Cristina Lima. **Um breve histórico Al-Qaeda: de Exército Jihadista a Movimento Ideológico**. Boletim Historiar UFS, Editora Jr. 2017.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado**. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 23, n. 53, p. 9-26, mar. 2015.

SUGAHARA, Thiago Yoshiaki Lopes. **TERRORISMO E INSEGURANÇA NO MUNDO PÓS 11 DE SETEMBRO**. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

SCHMID, Alex P. and Albert J. Jongman. 1988. **Political Terrorism**. Amsterdam: NorthHolland Publishing Company, 2005.

STEVENSON, Richard W. **Bush Faults Kerry on Terrorism Remarks**. New York Times, 2004.

TEREKE, Gebru. **The Ethiopia-Somali war of 1977 revisited**. The International Journal African Historical Studies. V. 33, nº 3, 2000.

TRIBUTINO, Dulce Marcelle Soares. **DISCUSSÕES E REFLEXÕES ACERCA DAS AÇÕES TERRORISTAS DO ESTADO ISLÂMICO E DO BOKO HARAM E SUAS INFLUÊNCIAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS**. Anais do II Seminário de RI, 2015.

VIVAN, Itala. **Nuruddin Farah's beautiful mat and it's Italian plot**. World Literature Today, V. 72, Nº 4, 1998.

WARDLAW, Reinares; SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **Terrorismo: fertilidade heurística da abordagem vitmológica para a análise do terrorismo**. Ed. GAMA, 2009.

WEBER, Max. **Ciência e Política: Duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WILEY, DAVID. **Militarizing Africa and African Studies and the US Africanist Response**. 2012.

WILLIAMS, John. **"Doing History": Nuruddin Farah's Sweet and Sour Milk, Subaltern Studies, and the Postcolonial Trajectory of Silence**. Indiana University Press Volume 37, Number 4, 2006.

WILKINSON, Paul. **Terrorism versus liberal democracy**. Routledge, 1976.

WOOD, Graeme. **A guerra do fim dos tempos: O Estado Islâmico e o mundo que ele quer**. Companhia das Letras, 2016.

WOLOSZYN, André L. **Terrorismo global: Aspectos gerais e criminais**. Porto Alegre: EST Edições, 2009.

WHITE, Jonathan R. **Terrorism and Homeland Security**. Cengage Learning, 2005.

WRIGHT, Lawrence. **O Vulto das Torres - A Al-Qaeda e o Caminho até o 11/9**. Companhia das Letras, 2007.

ZABLONSKY, Mariana Rupprecht. **A Repressão Civil na Somália de Said Barre Sob a Perspectiva de Nuruddin Farah na obra SWEET AND SOUR MILK**. Revistas UFPR, Vernáculo, 2018.

ZECA, Emilio Jovando. **Organizações Regionais e Processos de Prevenção, Gestão e Resolução de Conflitos em África: Experiências da SADC, CEDEAO e IGAD.** Conjuntura Global, vol. 6 n. 2, p.191-226, 2017.

ZENN, Jacob. **Demystifying al-Qaeda in Nigeria Cases from Boko Haram`s Founding, Launch of Jihad and Suicide Bombings.** Perspectives on Terrorism, Volume11, Issue 6, ISSN 2334-3745, 2007.